Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

CORPO, FANTASMA E IDENTIFICAÇÃO

Luciana P. Venturini Gutierres – lvgutierres@gmail.com

Resumo: Esse trabalho é efeito da leitura e discussão das lições apresentadas por J. Lacan que compõem o Seminário 9, *A Identificação,* e no qual Lacan convida a nos distanciarmos da ideia de que a imagem especular pode se sobrepor ao sujeito para pensar a identificação, propondo uma lógica que subverte a noção de identidade do sujeito cartesiano a partir da ideia de unidade, nos indicando que A não é igual a A. Lacan parece privilegiar a função do falo na identificação do sujeito e assim, formalizar as noções de objeto *a* e fantasma. O presente trabalho procura fazer uma articulação possível dos conceitos de corpo, fantasma e identificação, a partir do que é indicado neste seminário.

Palavras-chave: Identificação; objeto*;* falo; corpo; fantasma.

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BODY, PHANTASM AND IDENTIFICATION

Luciana P. Venturini Gutierres – lvgutierres@gmail.com

Abstract: This work results from the reading and discussion of the lessons presented by J. Lacan´s IX Seminar, *The Identification*, in which Lacan invites us to distance ourselves from the idea that the specular image can overlap the subject in order to think about identification. The author presents a logic that subverts the notion of identity of the Cartesian subject from the idea of unity, ndicating that A is not equal to A. Lacan seems to privilege the function of the phallus in the identification of the subject and thus formalize the notions of object *a* and phantasm. The present work seeks to make a possible articulation of the concepts of body, phantasm and identification, based on what is indicated in this seminar.

Keywords: Identification; object a; phallus; body; phantasm.

São Paulo

2024

CORPO, FANTASMA E A IDENTIFICAÇÃO

A partir da leitura do seminário **A Identificação** e, mais especificamente, da leitura atenta e minuciosa e apresentação de que me ocupei de uma de suas lições, fui fazendo algumas compreensões de questões que já formulava, que se enlaçaram a novas perguntas que permitiram outras compreensões seguidas de novas perguntas, avançando assim num circuito de um fazer saber para saber fazer com uma falta primordial que nos constitui. Vou partir da lição que apresentei, a XXI, para fazer as amarrações de minha apreensão sobre o tema deste Seminário. Na tentativa de apreender o possível dessa transmissão, me deparo com a pergunta inicial de Lacan (1961-1962/2003) sobre a possibilidade de se apreender a menor coisa, uma vez que o significante seria a apreensão da menor coisa.

Para seguir adiante, ele destaca um axioma aristotélico para dizer que, de acordo com a proposição universal, o que se apreende é a nulidade. Me parece que, para isso, se vale do círculo de Euler para nos mostrar que este consegue destacar um fragmento e, não necessariamente, bordear esse fragmento e, ao mesmo tempo, o que fica de fora nos remete à noção de nulidade. Ele representaria apenas as relações válidas, trazendo argumentos lógicos para se deduzir uma conclusão. Por exemplo: “ninguém poderá se dizer psicanalista, se não tiver sido psicanalisado”, portanto, psicanalistas estão incluídos no grupo dos psicanalisados. Se algum psicanalista não tiver sido psicanalisado será nulo. Mas, a experiência traz uma complexidade maior do que apenas esse silogismo propõe. No caso do Psicanalista, é preciso apreender os efeitos nele de ser psicanalisado. O mesmo se passa com o silogismo de Sócrates “todo homem é mortal...”, apreender os efeitos desse predicado ao homem já desperta um grande turbilhão.

Lacan (1961-1962/2003) também nos lembra da seguinte proposição universal de um outro autor do pensamento lógico “Todos os santos são homens, todos os homens são apaixonados, logo todos os santos são apaixonados”. Resgatar esses silogismos e pensar os efeitos de alguns significantes como paixão e morto parecem ter tido, para ele, a função de se perguntar se o objeto do desejo não havia sido esquecido. Então, diz, que é preciso ‘apanhá-lo logicamente com a linguagem’, apreendê-lo e a necessidade de trazê-lo novamente para primeiro plano da formalização lógica tem seu fundamento no fato de querer possuí-lo, *Begriff,* termo que evoca apreensão. A tentativa de apreender o que sempre escapa e se esquiva, o objeto do desejo, é o que funda a relação do sujeito com tal objeto. Assim, brinca

ele, o discurso moralista que propõe o abandono do desejo é triste e escamoteia uma outra morte que está em jogo, a pulsão de morte. Então, se algo da experiência pode ganhar sentido, ele considera que isso está na mudança de eixo que Freud fez quando introduziu o conceito de pulsão de morte, desenvolvido em *Mais além do princípio do prazer*, obra na qual desenvolveu um novo desdobramento sobre o dualismo pulsional. Trago dessa obra a seguinte citação "Resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio do prazer que ela domina." (FREUD, 1920/1969, p. 37) Freud foi, então, construindo a suposição de que havia algo, de cunho desprazeroso, que precisaria insistir em se repetir por alguma razão.

A pulsão de morte deixa rastros na vida do sujeito e Lacan (1961-1962/2003) nos aponta que o desejo carrega em si uma certa cegueira, dizendo que os amantes são obnubilados pelo objeto do desejo. Mas, o que ele quer dizer ao dizer dessa cegueira? O que vai discutindo a seguir parece ir delineando um caminho no esclarecimento sobre esse objeto do desejo, discussão que se articula com conceitos e ideias que já havia abordado em lições anteriores desse seminário como a questão do rastro, o traço que traz o apagamento do objeto e que pode ser apreendido a partir da insistência significante. Então, pulsão de morte, compulsão à repetição, insistência significante, desejo e seu objeto nos ajudam a esboçar a linha da qual quer falar nesta lição. Para isso, ele segue retomando a linha do zero original, a que chama corte, uma linha que é preciso considerar como fechada e que tem na sua essência uma natureza significante. Em um momento anterior, Lacan (1961-1962/2003) já havia sinalizado que queria promover o interesse dos ouvintes e leitores na função de corte e sua relação com a função do significante e nos indicou que o corte pode transformar uma superfície não orientável em uma superfície orientável. Retomo questões levantadas por ele: Será que um significante, em sua essência mais radical, só pode ser encarado como corte numa superfície? O significante em sua essência corporal – vocal, indica ele – se apresenta como essência descontínua? Ele diz que o passo onde se enlaça a descontinuidade com o que é a essência do significante tem como efeito a diferença. Ele também já havia nos apontado que a diferença, na repetição, estaria no corte ou na possibilidade sincrônica que constitui a diferença significante. O que repetimos só é diferente porque pode ser inscrito, uma inscrição que é, inclusive, suporte da memória. Mas na lição XXI ele coloca que é da Natureza dessas voltas se fundar como diferente, para dizer que é justamente isso que nos permite apreender o Real, estruturalmente diferente, sempre uma outra vez. Assim, é possível que a semelhança

advenha do real. De que semelhança ele estaria dizendo? Se trataria da repetição? Daquilo que insiste? Uma insistência significante, nas voltas da demanda – do TORO?

No avançar do seminário, pudemos retomar as noções de demanda e desejo articuladas com a figura do Toro. As voltas em espiral que circulam na esfera simbolizariam a demanda que aparece como efeito da repetição e o desejo, então, seria veiculado por essas voltas da demanda, como efeito da mesma. Assim, o Toro nos mostra como o desejo está incluído na demanda e o emparelhamento dos dois toros, demanda e desejo na relação com o Grande Outro. Também já havíamos visto que, para suportar o desejo há um significante – o falo. Me parece que vai avançando na topologia para pensar esse operador.

Seguindo na leitura do texto, Lacan (1961-1962/2003) se remete às figuras topológicas para pensar a função das superfícies e nos explicar que o corte, a hiância, terá efeitos fundamentais tanto na figura topológica, como no campo significante articulado com a experiência do desejo. O buraco produzido por esse corte faz comunicar interior com exterior e torna possível, então, que a esfera esburacada se revire com facilidade. Mas, a partir do buraco, tem-se o Toro e ele quer nos dizer o resultado disso. E, nesse momento, para pensar um primeiro resultado, ele nos deixa com a imagem de um macarrão que morde o próprio rabo e tem como um dos efeitos uma corrente de ar passando em seu espaço interior.

Um corte, então, no buraco da corrente de ar simbolizaria a função significante que teria como efeito o objeto enquanto tal, *a*. O que existirá ali será apenas o contorno do objeto, que já não existe mais ali. Primeiro resultado. Estaria ele, assim, formalizando o objeto a?

Outro resultado seria o buraco na superfície da esfera ter seus pontos diametralmente opostos unidos, escamoteando o meio dessa divisão intermediária. Isso remete Lacan (1961-1962/2003) à figura do *cross-cap*, que ele já havia mencionado em lições anteriores e nos apresentado a relação dessa figura com o TORO, a partir do polígono retangular. A figura do *cross cap* representa, pelo que pude entender, que o buraco que permite a passagem do interior ao exterior é um ponto irredutível e sem fronteiras. O que essa superfície do *cross-cap* pode representar? O lugar do buraco, ele diz, o que faz funcionar o desejo ou a falta enquanto tal, elemento inapreensível. Me parece que esse ponto representado na superfície, seria o ponto estrutural, ponto de partida que coloca em jogo o movimento do desejo na direção do objeto pulsional.

Mas, e o pequeno círculo central? Ele nos indicaria a possibilidade de se passar de uma superfície exterior à outra. Em seguida, avança um pouco mais na explicação sobre o que esse círculo representa. O que consigo recolher é que esse ponto simboliza a possibilidade de colocar um objeto *a* qualquer no lugar do buraco. É um ponto privilegiado e o falo, enquanto operador, permite que um objeto *a* possa ser colocado no lugar do buraco. Nas muitas discussões sobre o seminário, apreendi que o falo tem suas funções. Primeiro, como objeto, objeto que falta e é investido de valor fálico, bem como o sujeito pode ser objeto para o Outro. E também, como significante. Como significante, na identificação, a função do falo é organizar a falta. Então, poderíamos dizer que além de representar o lugar do buraco, o que distingue o *cross cap* seria a representação também do falo e sua função?

Nesse ponto, a leitura de Moustapha Safouan (2006) me auxilia. Diz o autor, em sua leitura do seminário 9, que Lacan quer definir, neste seminário, a função privilegiada do falo na identificação do sujeito e recorre ao *cross cap* para formalizar o objeto *a* que não é separável do $ pelo significante. O objeto que tampona, ao mesmo tempo, aponta a falta do sujeito. E assim, nos diz Safouan, Lacan formaliza a fantasia ou o fantasma ($ <> a). Ao final da lição XX, Lacan já havia nos indicado a fórmula da fantasia antecipando que a desenvolveria na lição XXI como suporte para isolar, a partir da demanda, como o campo do desejo, inapreensível, poderia se ligar com o campo do objeto *a*.

Em seguida, no próprio texto de Lacan (1961-1962/2003), após discorrer sobre os cortes e outras voltas que formam outras formas possíveis e o que elas simbolizam (oito interior, Moebius), ele é claro em nos apontar que o que é valioso é poder lançar luz ao ponto privilegiado nessa superfície - do *cross cap* - que permite entender a função do objeto do desejo, objeto que deve ser tomado por nós nos seus efeitos da função significante. É o único objeto autônomo, primordial, não articulável em relação ao sujeito, que estaria articulado ao fantasma, que constitui e sustenta o sujeito como efeito do significante e recobre o buraco do Outro. Já havíamos visto em lições anteriores que a fantasia é o lugar onde o sujeito se apreende no campo do Outro, lugar que está articulado com um ponto no grafo do desejo onde se localiza a questão “Che vuoi?”, mas para que isso opere é preciso que alguém tenha tomado, para o sujeito, esse lugar do Outro, como mestre e garantidor. O autor também nos indica que o fantasma tem função homóloga a i(a)/eu ideal, o eu imaginário sobre o qual o sujeito repousa para poder avançar, se desenlaçar, uma vez que foi investido de valor fálico em sua emergência como tal.

Mas, essa indicação de uma função homóloga do fantasma com i(a), não nos remeteria ao conceito de identidade? Seria possível pensar que a ideia de identidade, no campo de uma consciência egóica, só seria possível a partir do que está em jogo na fantasia fundamental? Ou isso só se passa quando o sujeito vive a experiência de se ver como supõe ser visto, como a imagem no espelho atribuída pelo Outro?

Lacan (1961-1962/2003) convida a nos distanciarmos dessa ideia de que a imagem especular pode se sobrepor ao sujeito para pensar a identificação, propondo uma lógica que subverte a noção de identidade do sujeito cartesiano a partir da ideia de unidade, nos indicando que A não é igual a A. É preciso que o sujeito tenha vivido a queda de um lugar de objeto fálico, efeito de um corte para que possa se contar, articulado a certa posição como objeto em seu fantasma, que se assenta no que foi recalcado em sua emergência como sujeito. Recalcado pois, ao discorrer sobre o ponto que delimita o círculo de conotação do objeto, o ponto phi, diz que sua função pode estar na mediação e na constituição tanto do $ como do ponto *a* no fantasma, inerente no reconhecimento do porquê, no desejo, o sujeito não é mais do que o corte desse objeto. Assim, a história de um sujeito que discursa é orientada por esse ponto secreto e, talvez, jamais acessível. Ao chegar nesse ponto, toca na questão do corpo, lembra Freud a nos dizer que no coração da constituição de todo objeto existe a libido, que atravessa o corpo biológico enquanto pulsão, um corpo que é efeito do encontro com o Outro. Com a leitura de Heidegger, Lacan (1961-1962/2003) diz que a ideia primitiva que se pode ter do que é um corpo se articula a certas dimensões de presença. Usando uma analogia ao uso de instrumentos, diz de uma "colher primitiva" como primeira maneira de retirar algo da corrente das coisas, fazendo relação ao instrumento do significante. Essa ideia de uma primeira maneira de retirar algo da corrente das coisas, me faz pensar no que ele havia assinalado anteriormente, o passo onde se enlaça a descontinuidade com o que é a essência do significante e que tem como efeito a diferença. Estaria aí a indicação de uma marca primordial, marca do traço, a letra, localizada no corpo? Em discussões do seminário, pude recolher a advertência de que, quando o sujeito cai, vira letra, que é divisão e se localiza no corpo, lugar onde o sujeito vai viver seus efeitos.

Para finalizar, deixo mais uma questão que pode circular na articulação entre teoria e clínica e fazer refletir na clínica de todos: na experiência de uma análise, na direção do desvelamento do fantasma e das identificações e seus possíveis esvaziamentos, seria a marca/letra, no corpo, com o que o Sujeito se depara?

Referências

FREUD, S.. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Obras psicológicas completas,** v. XVIII. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. P. 13-85.

LACAN, J.. **A Identificação: seminário 1961-1962**. Tradução: Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003. 459p.

SAFOUAN, M.. **Lacaniana I. Os seminários de Jacques Lacan 1953-1963.** Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006. 224 p.